

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 134

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 28500. Semestre, 13500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

## A QUESTÃO CLERICAL

«No anno findo os catholicos tinham-se limitado a espalhar, pela imprensa official, a ordenança que abolia os tests. Quizeram d'essa vez uma publicidade mais offensiva para os seus inimigos e obtiveram do concelho uma ordem que ordenava aos bispos anglicanos que lessem a ordenança duas vezes em todas as igrejas das suas dioceses. A primeira leitura devia ter logar a 20 de maio nas igrejas da cidade e em todas aquellas que ficassem até á distancia de dez milhas. Era assim que a famosa proclamação de Oxford tinha chegado ao conhecimento de todos os inglezes em 1681. Todos se lembravam da pressa com que os bispos tinham prestado esse serviço á corte, do zelo com que, em seguida, tinham sustentado e feito prégar a doutrina da obediencia passiva. Os catholicos julgavam que em virtude d'essa doutrina os bispos se encontrariam na contingencia de se prejudicarem agora a si proprios, e, na phrase enérgica do padre Piter, reduzidos a engolir as suas proprias porcarias. Mas não foi assim, porque os partidos nunca se julgam presos ás obrigações que impõem aos outros. Os anglicanos, anteriormente absolutistas em face dos presbiterianos, tinham-se tornado independentes em face dos catholicos.

Os bispos reuniram-se em Londres com o arcebispo de Cantorbéry, antes do dia fixado para a primeira leitura da ordenança. A série de raciocínios em que fundamentavam a passagem dos seus principios de submissão cega á doutrina das resistencias, era um d'aquelles jogos de espirito por meio dos quaes, com manifestas contradicções, se quer provar que se foi sempre consequente. «E', disséram elles, illegal dispensar leis em *circumstancias contrarias ao fim das mesmas leis*—O rei não tem o poder de commetter um acto illegal—O rei é, por outro lado, considerado pelas leis como não podendo fazer mal—Portanto, a declaração actual sobre liberdade de consciencia não pôde ser olhada como emanando do rei, por isso que é illegal.—Consequentemente, e sem faltar á obediencia, os bispos pôdem não obedecer á ordem de publicar a declaração.»

Sobre estas bases foi redigido e assignado um requerimento ao rei pelos bispos de Saint-Aschapel, d'Ely, de Chester, de Bath e Wells, de Bristol, de Peterborough, e pelo arcebispo de Cantorbéry. Apresentaram-no na vespéra do dia em que a primeira leitura devia ser feita nas igrejas

de Londres. Esforçavam-se por demonstrar que não era por espirito de insubordinação que vinham testemunhar á sua repugnancia a lêr a declaração; que não era tambem por odio aos não conformistas, porque lhes parecia ser chegado o tempo de usar para com estes de processos convenientes; mas só o parlamento podia reformar as leis e a Igreja não podia consentir em dar uma publicidade solemne áquillo que o parlamento não approvava. A fórmula do requerimento era respeitosa e n'elle abundavam as expressões de dedicacão e de lealdade; mas a recusa a obedecer era positiva.

O protesto contra o poder absoluto, bem que fundado sobre uma distincção subtil, era, na situação das coisas, um acto d'alta importancia publica; á falta de parlamento era a Igreja que servia d'orgão á opinião. No negocio do doutor Sharp, um primeiro exemplo de resistencia tinha sido dado pelo bispo de Londres; o seu processo tinha interessado a nação inteira; mas aqui, agora, a resistencia era colectiva, não tinha nada de alarmante para os não conformistas e até os podia interessar afastando-os, em parte, da corte. Um accordo geral entre todas as forças da contra-revolução e o espirito publico em todos os seus modos de manifestação possivel podia, pois, seguir, o protesto dos bispos, se a corte tentasse força-los á obediencia.

Jacques hesitou entre os dois partidos que se lhe offereceram: ou retirar a declaração ou castigar o requerimento dos bispos. Collocou-se, por fim, do lado de Jeffries, homem de recurso quando era preciso encontrar, para a violencia, pretextos legais. Jeffries foi de opinião que a maneira por que os bispos tinham dirigido a sua petição era tumultuosa e por consequente susceptivel de ser perseguida pelas leis, em virtude do que os bispos foram intimados a comparecer perante o conselho.

Isto não intimidou os membros do clero inferior: na maior parte das igrejas os clerigos absteram-se de lêr a declaração; houve um que subiu ao pulpito com a ordenança na mão dizendo aos fieis que se via forçado a lêr alto mas que não conhecia lei que os obrigasse a elles a ouvir; a igreja ficou vasia n'um instante. Os fieis tomavam por si proprios o partido de sahirem no pequeno numero de logares onde a corte era obedecida.»

### "Povo de Aveiro,"

Em Aveiro, vende-se na «Pasteleria Cysne.»  
Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

**Cabecinha** desfaz-se em louvores ao padre Vieira.  
Muito bem. Muito bem.

«Hoje li com mais attenção o arzel do Accacio, que só por alto tinha lido, saltando aqui e acolá, porque não posso lêr coisas a seguir e com attenção, só quando causa especial a isso me obriga. Vejo motivos para reprimenda severa por motivo da ousadia, do atrevimento com que o articulista se lhe dirige; e tanto mais quanto eu, por mim, não era capaz de lhe retorquir em taes termos. Havia a medir a distancia.....»

Foi isto mesmo que observei ao Accacio, a tempo:—que nem a série podia sustentar a polemica, nem tirar vantagem de tomar pelo caminho do ridiculo.

De modo que vejo motivo para reprimenda severa, no que elle necessariamente succumbe e já a esta hora estará talvez succumbido.....»

Vejo no triste incidente, da parte do Accacio, a velleidade de discutir, ou antes d'esgrimir, com as armas que tem, ou julga ter, e que, verdade, não são das mais bem estollhadas.»

(Palavras do padre Vieira, carta de 8—1—1902).

«Da outra vez eu disse ao padre Antonio, depois de já composto o artigo d'elle, a respeito do *Povo de Aveiro*, apenas como conselho:—homem, é melhor você não se metter n'isso; porque, calando-se faz menos mal á causa que pretende defender, do que brigando com tal adversario. Agora disse coisa parecida ao meu amigo Accacio, como conselho. Mais nada. Elle foi para diante... e agora, em virtude do que veio no *Povo de domingo*, calcule que não fica liquidado o incidente. Mas, afinal, o Accacio não é adversario que v. não derrube sem grande esforço.»

(Palavras do padre Vieira—carta de 31—12—901).

Muito bem. Muito bem. Lá que o padre Vieira o conhece, isso conhece.

«Li o artigo de hoje da *Vitalidade*, do Accacio, e eu é que não estou disposto a metter-me na baralha; nem a metter-me, nem a apparar-a. Teria sido muito melhor, digo: o unico caminho a seguir—não se metter o Accacio em danças. Para quê? Só, afinal, para ficar mal e até collocar outros em difficuldades.»

(Palavras do padre Vieira, carta de 5—1—902).

Muito bem. Muito bem. Nós acceitamos de boamente toda a auctoridade que *Cabecinha* reconhece em padre Vieira.

Muito bem. Muito bem. Lá que o padre Vieira o conhece a fundo, isso conhece.

E ainda não vimos o resto!

## PULHAS

Vimos Jayme de Magalhães Lima feito garoto, a dirigir injurias ao articulista do *Povo de Aveiro*, que suppunha ser Francisco Regalla, a ameaça-lo com um chicote, para depois ouvir, impassível, as provocações affrontosas que o sr. Homem Christo lhe dirigiu nas suas cartas. Vimos Jayme de Magalhães Lima convertido n'um miseravel poltrão, respondendo aos cavalheiros, que o

sr. Homem Christo lhe mandou, que nem se retratava, nem se batia, mas ficando em casa sem um impulso de homem, sem um assomo de dignidade, sem uma reacção de brio. Vimos Jayme de Magalhães Lima sahir d'essa ignobil situação por meio d'uma comedia, a que o sr. Homem Christo, depois de muito instado, de muito solicitado, depois de se ter appellado para a sua generosidade, accedeu, deixando expresso, n'um documento, que o fazia por *considerações de ordem muito superior e para que o não accusassem nunca de sentimentos mesquinhos*. Era um favor com todo o stygma d'uma esmola.

Vimos Jayme de Magalhães Lima correr pressuroso, o villão, no mesmo dia em que recebia essa esmola, a felicitar Joaquim de Mello Freitas pela insigne covardia, que este commettera, e requintada canalhice, de ter atacado, acompanhado de mais dois, e ferido pelas costas, o proprio que mais concorrera para que o sr. Homem Christo accedesse a libertar, pela indecorosa comedia do arranjo, o mesmo Jayme de Magalhães Lima da situação abjecta que pela sua falta de brios preparara.

Vimos Jayme de Magalhães Lima, servido com a esmola, iucitar, com os outros, o governador civil a pedir ao governo que fizesse sahir de Aveiro o sr. Homem Christo, como *perigoso das instituições e d' ordem publica na terra*, o que o governo fez, recebendo aquelle nosso amigo ordens n'esse sentido, para serem cumpridas immediatamente.

Vimos, depois d'isso, Jayme de Magalhães Lima enfileirar-se com os liberaes na campanha das irmãs da caridade, campanha iniciada e dirigida, toda ella, pelo sr. Homem Christo, o que levou este, uma vez que toda a sua questão foi sempre de principios, a perdoar as canalhices de Jayme de Magalhães Lima, a considerá-lo mais poltrão do que canalha, enganando-se, ao que se vê presentemente, sem que ficasse nutrido por elle, comtudo, a minima sympathia, porque um homem d'alguma superioridade nunca pôde nutrir sympathias por outro que, além de mediocre intellectualmente, se torna quasi indigno de nome de homem por covardias abjectas.

Vimos o sr. Homem Christo deixar o morgado do Carmo em paz por muitos annos, voltando a atacá-lo, em termos levantados, sómente quando Jayme conspirou, com a canalha que o cerca, para abafar o movimento liberal resultante da questão Calmon, quando começou a tornar affrontoso o seu espirito reaccionario com a imposição de Carranca para presidente da camara municipal, e quando tentou prejudicar os interesses de Aveiro na questão do regimento. Tanto os principios sobrelevam sempre no sr. Homem Christo aos resentimentos pessoais!

Vimos Jayme apparecer novamente covarde, destacando, contra aquelle nosso amigo, um garoto sem imputação, sem imputação no seu proprio grupo, como vimos, no numero passado, da carta do padre Vieira, e como hoje vemos, de novo, n'outro local, novamente covarde agachan-

do-se atraz d'esse garoto, sem sahir ás vergastadas successivas que lhe applica no rosto um homem de cathogoria e de consideração social como o sr. Homem Christo. Vimos Jayme tão garoto como o proprio garoto, vimos em Jayme resurgir o garoto que, depois das ameaças do chicote, não apparecia deante do individuo que injuriava e ameaçava, vimos Jayme mentiroso, trapaceiro, garoto e pulha, n'uma palavra, dizendo no seu orgão, com a responsabilidade do garoto, não com a sua, que o sr. Homem Christo nunca lhe fizera proposta de duellos e que as não accetaria, se l'has tivesse feito, por não reconhecer no sr. Homem Christo *indícios de dignidade*.

Bandalho!  
Formidavel bandalho!

E como nós tivemos a fraqueza de chegar a admitir que este bandalho fosse simplesmente um ignobil poltrão!

Mas são todos assim. Todos! Em terra nenhuma se juntava tão insignie quadrilha de bandalhos.

Padre Vieira acha que *Cabecinha* é um asno atrevido, um idiota, merecedor de severas reprimendas e é o mesmo padre Vieira quem incita, de companhia com os outros, o asno atrevido, o idiota contra o sr. Homem Christo.

Padre Vieira tenta fugir á responsabilidade que lhe podesse caber dizendo que o pasquim é propriedade do idiota, afirma-o, jura-o, e prova-se que padre Vieira mente com descaço, sem vergonha. Prova-se mais: prova-se que o dr. Alvaro de Moura é expoliado d'uma maneira indecentissima para que o padre possa fazer o seu jogo desvergonhado e reles.

Todos uns bandalhos!  
Todos!

Vimos Joaquim de Mello Freitas, só porque o *Povo de Aveiro* publicára, mettida entre o noticiario, na 4.ª columna da 3.ª pagina, uma local inoffensiva, pessoal, dizendo que chavia em Aveiro dois ou tres republicanos de casaca que depois de terem confessado publicamente os seus principios democraticos deixaram de votar nos candidatos republicanos, mas que atraz de tempo tempo vinha, isto só, só isto, sem mais nada, vimos Joaquim de Mello Freitas, ferido no seu orgulho de pedante, offendido na sua emboffa de Calino, desembestar em insinuações e injurias, só por se imaginar um dos dois ou tres republicanos de casaca. Vimos o sr. Homem Christo, depois de lhe ter dicto, em carta e pessoalmente, que assumia a responsabilidade da local e que responderia ao seu roزاریo de tolices, dar-lhe, em artigo assignado com o seu nome, a trépa formidavel que deixou o parvo a escorrer sangue, na opinião do Carranca, e que despertou o enthusiasmo de Alexandre da Conceição e de outros homens illustres. Vimos o Calino, afundado em ridiculo, corrido á gargalhada pela manieira porque o sr. Homem Christo analysou os titulos democraticos com que o parvo alegre se enfeitava: ter casado com a filha do sapateiro e tirar o chapéo a quem l'h'o tirava a elle, vimos o Calino recorrer ao torpissimo expediente de ir chamar dois, de os animar e excitar, estando elles soce-

gatos em casa e longe de tal idéa, para tirarem juntos um desforço e atacarem todos tres, feitiço-o pelas costas, um individuo, que não podia ter responsabilidade alguma n'um artigo que apparecia com assignatura. Procedimento tanto mais repugnante, tanto mais revoltante, tanto mais pulha quanto era certo Joaquim de Mello Freitas se queixar precisamente da inoffensiva local ter apparecido sem assignatura.

Teria graça: todas as locaes d'um jornal, ainda as mais insignificantes, assignadas!

«O systema de esgatafunhar anonymo, parece se alguma coisa com um baile de mascarar, onde qualquer carreção se disfarça em principe.» (Districto de Aveiro, 14 de Julho de 1884).

As indignações do bilhre eram, pois, por ter sahido sem assignatura, no noticiario, 4.<sup>a</sup> columna da 3.<sup>a</sup> pagina, uma inoffensiva local de 9 linhas, numero exacto. Mas diz-lhe o sr. Homem Christo que assume a responsabilidade d'essa local. Responde-lhe em artigo assignado com o seu nome. E o bilhre, que tanto se indignava contra os anonymos, ataca, com mais dois, não o sr. Homem Christo, que se apresentava como auctor dos escriptos, mas outro individuo que nada tinha com elles.

Onde viram pulhas assim? Qual é a terra do paiz que se tem deshonrado até este ponto? Escreve-lhe depois o sr. Homem Christo:

«Você é o covarde mais pulha, mais indecente, mais baixo que tenho encontrado na minha vida. Porque me não procurou a mim? Tres homens para atacar um só!»

E esperou a resposta. E passou pelas ruas da cidade, convencido de que topava alguém.

Qual! Recebia mas era ordem de sair de Aveiro imediatamente, apesar de já ter garantido a auctoridade civil que não perturbaria a ordem publica.

A sabida, mandou ainda a Joaquim de Mello Freitas, bacharel formado em direito, 1.<sup>o</sup> official do governo civil de Aveiro, este bilhete de visita:

F... (nome) lamenta sair do districto de Aveiro sem ter escarçado na cara do pulha do dr. Joaquim de Mello Freitas. Mas não faltarão occasiões.

Joaquim de Mello Freitas a nada se sabiu. Mas tendo fundado um jornal expressamente para atacar o sr. Homem Christo, injuriando este logo o nosso amigo, que estava em Lisboa, lhe pediu a responsabilidade das injurias, tentando ainda encontrar um homem deante de si.

Eis o documento comprovativo:

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Manuel Homem Christo. — Tendo-nos v. ex.<sup>a</sup> dado a honra de nos encarregar de liquidar como se usa entre cavalheiros, uma pendencia motivada por um artigo publicado no jornal a *Epocha*, em que v. ex.<sup>a</sup> julgou ver offensas graves ao seu caracter, dirigimos a seguinte carta ao director d'aquelle jornal:

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do Journal a *Epocha*. — Encarregados pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Francisco Manuel Homem Christo de indagar quem toma a responsabilidade moral de um artigo intitulado *Do Ferrabrás de Alcaendria* publicado na *Epocha* de 21 do corrente, rogamos a v. ex.<sup>a</sup>, como é praxe em questões d'esta natureza, queira habilitar-nos a desempenhar a nossa missão.

Lisboa, 26 de maio de 1885.

Somos de v. ex.<sup>a</sup> Att.<sup>os</sup> ven.<sup>oos</sup>

(assignados) — Ernesto Loureiro — Rua Nova de S. Francisco de Paula, 27, Lisboa.

Manuel José Coelho Borges — Rua dos Mouros, 30, 3.<sup>o</sup>

Em resposta acabamos de receber a declaração que se segue:

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Respondo, como me cumpre, á carta de v. ex.<sup>a</sup> e do ex.<sup>mo</sup> sr. Coelho Borges dizendo que a *Epocha*, dos artigos que não forem assignados toma apenas a responsabilidade legal.

Aveiro, 27 de maio de 1885.

Sou de v. ex.<sup>a</sup> Mello Freitas.

«Não sendo, portanto, uso entre os redactores d'aquelle folha assumir a responsabilidade moral dos agravos que pretendem fazer aos seus adversarios, e não sendo possivel exigir reparações de honra a irresponsaveis anonymos, julgamos terminada a nossa missão e v. ex.<sup>a</sup> inteiramente illibado no seu procedimento correcto.

Lisboa, 28 de maio de 1885.

De v. ex.<sup>a</sup> Att.<sup>os</sup> ven.<sup>oos</sup>

Ernesto Loureiro Manuel José Coelho Borges.

Vejam a grandeza d'aquelle pulha. Ostenta a sua indignação contra a pobre local do *Povo de Aveiro*, a inoffensiva local de 9 linhas, mettida no noticiario, por não vir assignada. E chama covardes aos redactores do *Povo de Aveiro*, por quererem fugir á responsabilidade dos seus actos não assignando locaes. Escreve-lhe immediatamente o sr. Homem Christo, que estava em Aveiro, dizendo-lhe que assume elle a responsabilidade da local. Previnem-o verbalmente de que vá responder ás suas perfidias e ás suas tolices. Responde-lhe, assigna o artigo, e o pulha, que já não tem anonymos deante de si, encontra um individuo, que só tem a responsabilidade de ser irmão do responsavel, e atira-se a elle com mais dois.

Mais tarde declara, elle que se indignava com as locaes não assignadas nos periodicos dos outros, locaes de que appareceram responsaveis immediatamente, que dos artigos não assignados no seu periodico apenas se toma a responsabilidade legal.

Nunca viram; os leitores nunca viram, com certeza, pulhas assim. Não os ha. São unicos. Estava reservada á cidade de Aveiro a triste gloria de os possuir.

Pulhas safados, safadissimos, com os quaes não ha processos possiveis, com os quaes se não póde defrontar um homem digno.

O unico processo é acorrenta-los á sua ignominia e expo-los á indignação e ao desprezo publico.

Mas acabem de ver toda a grandeza d'esse pulha, que se chama Joaquim de Mello Freitas. Ainda a não viram toda.

Tendo o juiz de direito presenteado, da sua janella, a covardissima aggressão a Manuel Christo, tendo mandado proceder contra os aggressores, Joaquim de Mello Freitas, na sua defeza, disse, entre outras coisas, no tribunal, como se póde ver nos jornaes da epocha:

«Que prestou serviços leaes e repetidos ao mesmo Francisco Christo n'uma questão muito séria, (!) n'uma pendencia de honra entre o mesmo Christo e Jayme de Magalhães Lima como é sabido de toda a cidade e até consta da respectiva acta publicada nos tres jornaes da terra, e o declarante frisa n'este momento a circumstancia importante d'esses serviços se terem manifestado em subido ponto até ás onze horas da noite de sexta-feira dezoito do corrente vespera da publicação da acta citada no *Campêlo das Provincias*.»

Viram? E' tamanha a grandeza do pulha que descamba no ridiculo e faz rir.

O pulha fiava-se no segredo dos documentos, que publicámos no numero passado pela primeira vez. No mesmo segredo se fiava Jayme de Magalhães Lima para mandar dizer no seu órgão, canalmente, que nunca lhe tinha sido feita proposta de duello. Dezoito annos conservámos esses documentos em segredo, resistindo a todas as provocações. Continuar com esse segredo, em

frente da taes pulhas, seria tolice rematada. Tornamo-lo publico no ultimo domingo. E pelos documentos publicados se viu:

1.<sup>o</sup> Que o sr. Homem Christo foi instado para acceder á comedia d'um arranjo, depois de Jayme ter rejeitado todos os expedientes dignos de desagravo sério.

2.<sup>o</sup> Que a acta do arranjo foi redigida e discutida entre o sr. Homem Christo e o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto. Unicamente entre os dois.

3.<sup>o</sup> Que as testemunhas foram figuras arraçadas para a comedia, limitando-se a assignar a acta depois de prompta.

Que serviços leaes e repetidos podia prestar esse pulha, que se chama Joaquim de Mello Freitas, ao sr. Homem Christo, n'uma questão m.<sup>o</sup> séria, n'uma pendencia de honra?

Ainda que a questão muito séria não fosse uma perfeita comedia, á qual accedeu o sr. Homem Christo depois de choverem sobre ele os pedidos e os empenhos, como provámos, que serviços leaes, em subido ponto, haviam de ser os d'esse pulha, apparecendo elle na acta como representante de Jayme de Magalhães Lima?

Para ser leal ao sr. Homem Christo e prestar-lhe serviços, havia de ser desleal e traidor a Jayme de Magalhães Lima, de quem se dizia representante.

Que trapasseiro vil! Que farçante! Nunca viram. Os leitores nunca viram uma sucia tão completa, bandalhos tão puros como estes que pululam em Aveiro. Nunca viram!

Os da quadrilha ainda não se convenceram de que fazem o papel do rato a brincar com o gato. Pois elles se convencerão.

O gato deixa correr o ratinho. E quando o ratinho se julga quasi livre é quando o gato lhe salta em cima, esmagando-o. Innocentinhos!

**CALINOS**

Pelas travessuras que os arames nos fizeram a semana passada, já sabemos que *Cabecinha* recebeu grossa encomenda pelos dicitos. Ou largura das calças, ou forma dos chapéos, ou tratodos de civilidade tendentes a ensinar como se passa mal, ou traço da alma, ou coração humano fortificado e depois *crystalisado na alma portugueza desde 1640*, ou a crueldade austera do tyranno, ou o raio que lhe fez cahir o garfo e a faca e até o comer que lhe ia para a bocca. Ou então o Aniceto a correr atraz do frade. Ou então o vilto do Venancio pelo meio das trevas como phantasma, a olhar a amplidão luminosa.

E foi Aniceto ou Venancio, com toda a certeza, porque foi coisa grossa. Ora vejam: paço em vez de passo; não nos em vez de não os, redondante em vez de redundante e etc. E nós é que o pagamos. Não de vêr. Não de vêr como elle vem ancho, risonho, estalando de triumpho, como veio no safardissimo e nos cidadãos. Cidadões cóm velhacaria d'esterqueiro de Verdemilho.

Põe-se a cavallo nos arames, com toda a sua bagagem de litterato e de janota, ainda chama o Aniceto e o Venancio para o lado, os arames ficam desnorreados com tanta carga, carga gloriosa de mais a mais, e quem o paga somos nós.

Ou será partida do amigo João? Querem vêr que o João das Maravilhas anda a fazer partidinhas ao homem, para depois se rir com os *quinaus* do *Cabecinha*? Se é partida, é bem feita. Mas vamos adiante.

*Cabecinha* mostra indignação pelo necrologio do sr. Mattoso, o sr. Mattoso, que é a crueldade austera do tyranno. Não mostre

indignações, homem. Lá torcidelas de nervos ou *asperas allucinações do cerebro*, comprehendem-se. E' doença de litteratos. Mas indignações, por tão pouco, é falta de bom tom. *Cabecinha* teuha sempre em mente que é o instrumento da justiça e da vingança do *Povo de Aveiro*. Mais nada. Olhe que não é mais nada, nem para mais nada o queremos e o vemos. E o *Povo de Aveiro* sabe-lhe puxar pela lingua, que é um gosto. Cada dia que *Cabecinha* fala, cada dia d'entalação e de desastre para os amigos, que se vão afundando em lama e ridiculo.

Imbecil! Grandes imbecis, todos elles! Mas vamos adiante.

Vitalidade, de 8 de setembro de 1901:

«E' uma individualidade (pois não!) na verdadeira (trata-se do sr. Mattoso) significação da palavra. (Pois não!) Pois não! Isso é até muito bem dicto. E' um peiudo escripto com lava branca de Verdemilho, dedos entesados, braços hirtos, chapéu de côco e sobrecasaca, tal e qual como o nosso amigo Domingos Leite no dia do jantar ao morgado do Carmo, o dia mais solemne da sua vida.)

Pela intelligencia lucida e penetrante, pela rectidão e pela inteireza de caracter, pelo amor á sua terra e aos seus amigos, (aos seus amigos, sim, lindo amor; lá que tens direito ao emprego, tens) pelos sentimentos da sua alma nobilissima, pelos pergaminhos da sua casa e do seu nome (pergaminhos da casa e do nome, sim senhor), pela sua palavra e pela sua propria estatura, — é só um, não se confunde, tem a linha do verdadeiro homem de bem. (Heip, que nos dizem ao sr. Mattoso *inconfundivel* pela sua palavra e pela sua estatura? E' só um, não se confunde, tem a linha do verdadeiro homem de bem pela sua palavra e pela sua propria estatura. Esta agora é charada. Mas o que terá na palavra o sr. Mattoso? Mas o que terá elle na estatura? O que distingue a palavra e a estatura do sr. Mattoso? Como é que o sr. Mattoso é unico e *inconfundivel* pela sua palavra e pela sua propria estatura?

O' estatura divina, ó palavra celestial, ó estatura nunca vista nem advinhada, ou palavra nunca ouvida, nem pensada, nem sonhada!

Correi todos a vêr a estatura e a ouvir a palavra do sr. Mattoso. Correi todos! O' estatura divina, ó palavra celestial, que nem se viu e ouviu no frade a caminhar solitario pela callada da noite — no texto está calada com dois ll — nem no Aniceto a correr atraz do frade, nem no Venancio pelo meio das terras como phantasma, a olhar a amplidão luminosa!

O' estatura divina, ó palavra celestial, ó milagre da Oliveirainha, sanctus, sanctus, sanctus, pleni mut cœli et terra majestatis glorie tue. Vá lá esta latinada, seu *Cabecinha*, já que você gosta tanto de latinorio. Este é em honra vossa.

O' estatura divina, ó palavra celestial, ó Mattoso *inconfundivel* et laudamus nomen tuum in sæculum, et in sæculum sæculi.

O' estatura divina, ó palavra celestial que daes a linha do verdadeiro homem de bem!

Homem de bem verdadeiro só Mattoso da Oliveirainha. Miserère nostri. Só elle. Todos os outros homens de bem não são os verdadeiros, porque não tem *aquella estatura e aquella palavra inconfundiveis* que dão a linha do verdadeiro homem de bem. Mattoso unico! Mattoso inconfundivel! Miserère nostri. Miserère nostri.

E o resto para domingo. A gargalhada agora, n'este *instantaneo Mattoso*, vai exceder tudo.

O resto para domingo.

Ai, sr. Mattoso, que se não lhe dá o emprego, está v. ex.<sup>a</sup> perdido. Dê-lhe o emprego para o pobre diabo se calar, senão v. ex.<sup>a</sup> afunda-se n'um ridiculo tal que nunca mais apparece á superficie.

**O analphabetismo**  
NO  
**EXERCITO**

Diz o *Seculo* de terça-feira ultima, em correspondencia de Vizeu:

«Em todas as companhias do regimento 14 está-se ensinando a lér e escrever pelo methodo João de Deus, a todos os recrutas. E' assombroso o que alli se tem feito de verdadeiros analphabetos, desde novembro até agora! Este ensino, que o anno passado alli foi ensaiado pelo capitão Homem Christo, com tão excellentes resultados, muito poderá concorrer para reduzir o analphabetismo, se for superiormente decretado. Para calcular as vantagens que adviriam de tal medida, bastará dizer que, no anno corrente, todos os homens que sentaram praça no 14 de infantaria, na maior parte, completamente analphabetos, sahem de lá sabendo lér, escrever e contar regularmente.

Parece impossivel, mas é a expressão da verdade, e quem tiver duvidas visite as companhias do 14 durante as aulas nocturnas, e não só verificará que isto é exacto, mas terá occasião de examinar a excellencia do methodo.

Honra ao illustre capitão Homem Christo, verdadeiro apostolo da instrução e do methodo.»

Por carta de Vizeu temos algumas informações mais minuciosas sobre este importantissimo assumpto.

O ensino por companhias, no regimento de infantaria 14, não começou em novembro, mas em 17 de dezembro. Foi este o dia em que as companhias inauguraram o ensino, todas ao mesmo tempo. Em novembro habilitou o sr. Homem Christo os quadros, ensinando o methodo de João de Deus aos officiaes. Não só de infantaria 14 como de alguns outros regimentos da divisão, a todos os sargentos e alguns cabos de infantaria 14. Gastou n'esse ensino trinta dias, e dispendeu n'elle um trabalho insano, por isso que os officiaes eram ensinados em curso separado dos sargentos e como estes, e os cabos, não podiam assistir a todas as lições, por causa do serviço, o sr. Homem Christo tinha de as repetir, vendose obrigado a dar, muitas vezes, tres lições por dia. No dia 30 de novembro, porém, tinha a satisfação de vêr todos os sargentos, alguns cabos e alguns officiaes habilitadissimos no ensino, podendo ministra-lo pelo methodo de João de Deus com a maxima facilidade e proficiencia. Eram excellentes professores.

As companhias deveriam inaugurar o methodo no dia 1 de dezembro, mas varias difficuldades e attrictos, do genero d'aquellas que apparecem sempre que se trata de sair da rotina, de progredir e civilisar, fizeram com que só no dia 17 se podesse dar principio ao ensino.

No dia 1 de fevereiro estavam os analphabetos a lér em livro—*Deveres dos Filhos*—e começavam n'esse dia com a escripta.

O resultado é bom, não obstante a circumstancia do ensino ser facultativo. Se fosse obrigatorio, o resultado seria completo pela responsabilidade que pesaria sobre os commandantes de companhia, que então seriam mais zelosos e energicos. Assim, como a responsabilidade não é nenhuma, o capitão, que não tem sido, aliás, incitado e nem sequer animado pelos officiaes superiores, limita-se a consentir que se ministre o ensino na sua companhia, deixando-o, por assim dizer, perfectamente á vontade e mercê dos sargentos. E mesmo assim o resultado é bom!

Na companhia do sr. capitão Homem Christo o resultado é, realmente, assombroso, empregando o termo do correspondente do *Seculo*. Todos os homens illustres, que tem visitado a companhia durante o ensino litterario, entre elles o sr. dr. José Julio Cesar, dignissimo reitor do lyceu e commissario de estudos no districto de Vizeu, verdadeiramente digno do nome de patriota e de cidadão pelo amor que dedica á instrução nacional, tem manifestado a sua admiração pelos resultados obtidos. E, note-se, o sr. Homem Christo, segundo as informações seguras que recebemos de Vizeu, não ensina este anno os analphabetos. O nosso amigo quiz demonstrar que o capitão póde, com os quadros da companhia habilitados, fazer ministrar o ensino litterario aos seus soldados sem trabalho nenhum.

para elle. Basta que se limite a fazer sentir, aos seus subordinados, que quer que o ensino se ministre com a seriedade que preside a todos os serviços militares. Essa demonstração é importantissima. E, nas alturas em que vai o ensino, pôde-se dizer que já está feita.

Note-se ainda que os quadros da companhia do sr. Homem Christo estão muito incompletos. Faltam-lhe um official, dois sargentos e cinco primeiros cabos! Esta bagatella. Contudo, repetimos, os dois sargentos e os dois cabos, estes nos dias de folga, sómente, que poucos são, presididos pelo sr. tenente Paes, dedicadissimo ao serviço, o sr. tenente Paes, que é o unico subalterno da companhia, tem bastado para o resultado *assombroso* a que o correspondente do *Seculo* se refere.

O sr. Homem Christo limita-se a visitar a sua companhia e a ensinar, uma vez por outra o grupo dos mais *sileantados*, d'aquelles que já sabiam ler correntemente e que são 15.

Recbeben essa companhia 52 recrutas este anno. D'esses 52, 26 nunca tinham visto uma letra na sua vida; 11 juntavam as letras com grande imperfeição e não sabiam escrever nem contar; 15 liam correntemente, escreviam mal e ignoravam as quatro operações arithmeticas na quasi totalidade.

Sobre estes 15 fez o sr. Homem Christo estudos curiosos. Assim, perguntando a todos o que era *patria* averiguou que nenhum tinha uma idêa clara a tal respeito. Nenhum lhe soube dizer o que era Portugal. Só dois lhe souberam dizer como se chamava o rei de Portugal.

Mandando-os ler varios trechos da *Selecta Militar*, que, aliás, liam com certo desembaraço, perguntava-lhes se sabiam o que tinha sido a batalha de Aljubarrota, o que tinha sido o cerco de Diu, a tomada de Lisboa, a tomada de Ceuta, a batalha de Ourique, de Montes Claros, do Montijo, do Bussaco, se, algum dia, algum lhes tinha falado na descoberta do caminho das Indias, em Camões, em Vasco da Gama, em Afonso d'Albuquerque, em D. Afonso Henriques, D. Diniz o Lavrador, D. João I, D. João II, D. José I, em Nuno Alvares Pereira e João das Regras, no infante D. Henrique, no marquez de Pombal, etc.

Olhavam para elle com olhos de pasmo. Nunca ninguém lhes tinha falado em tal coisa nem imaginavam o que fosse!

Mas doutrina christã sabiam todos. Só dois sabiam o nome do rei de Portugal. Definido, nenhum sabia. Mas do papa diziam todos: «E' o Padre Santo, Vigario de Christo na terra, successor de S. Pedro a quem todos devemos obedecer como ao proprio Deus.»

Um d'elles, o n.º 9, disse ao sr. Homem Christo que o rei de Portugal era o Papa!

Perfeitamente autentico, como pôde ser confirmado, dizem-nos, por toda a companhia.

Não é pavoroso este estado de ignorancia? Pôde haver amor patrio enquanto os portuguezes não tiverem a minima idêa de patria?

Porque não tem. Nem o territorio nacional conhecem. O sr. Homem Christo perguntava-lhes o que era Leiria, o que era Faro, onde ficavam, e elles não sabiam. Não sabiam o que era uma comarca, um districto, nem qual era o primeiro magistrado da comarca e o primeiro magistrado do districto, tal e qual como em relação a Portugal e ao primeiro magistrado da nação.

Pergunta-se: Não é o primeiro dever do official do exercito habilitar homens a defender a patria? Mas como ha de habilita-los sem lhes dar o conhecimento primario, o conhecimento fundamental, que é o conhecimento da propria patria? E como hão de elles conhecer a patria, enquanto não possuírem noções geraes de historia, de chorographia, da organização administrativa e politica do paiz, noções muito elementares nas sufficientemente claras para se obter o fim desejado? Desenganem-se. Um homem saberá manejar uma espingarda. Mas não será um soldado apto a defender as fronteiras enquanto elle não souber o que defende, para o que defende e porque o defende. Enquanto não vibrar na sua alma o sentimento

de patria, enquanto lhe faltar o laço da coheção nacional, é mais um instrumento bruto do que um soldado, na acceção levantada d'este termo.

E d'estes soldados, soldados cidadãos é que Portugal precisa.

Ainda falta mais de um mez para terminar a experiencia de infantaria 14. E dos 52 recrutas da companhia do sr. Homem Christo, 15 já conhecem muito regularmente a chorographia e historia elementar de Portugal, além de lerem bem, escreverem com bastante correcção, conhecerem as quatro operações arithmeticas e o systema metrico; 11, que mal sabiam juntar as letras, e que não sabiam escrever, leem bem e escrevem regularmente; 26, que estavam mergulhados em profundas trévas, que nem conheciam o alfabeto, todos leem já nos *Deveres dos Filhos* e todos aprendem a escrever sem offerecerem duvidas sobre o resultado final.

E d'esses 52 homens, sem noções nenhuma de patria, não ha um que não saiba já o que é Portugal, a sua terra, que não saiba que foi um paiz grande, glorioso outr'ora e que não alimente a esperanza de que volte a ser uma nação que honre o seu brilhantissimo passado.

E isto sem trabalho excessivo, sem esforço que custe! E sem trabalho, sem esforço demasiado, sem novas verbas orçamentaes, sem novas leis, podia o Estado montar perto de quatro centas escolas no Exercicio, se tornasse obrigatorio o ensino litterario nos regimentos, por companhia.

As despesas, para montagem e sustentação d'essas escolas, sahiam das verbas destinadas nos corpos á aula regimental. Chegam e crecem, sem prejuizo das despesas que já sahiam d'esses fundos para outros fins. O Estado não gastaria nem cinco réis. E sem gastar cinco réis, e com excellentes professores, que pôde habilitar em cinco mezes, para o que bastará fazer sair de infantaria 14 alguns dos officiaes e alguns dos muitos sargentos habilitados para irem habilitar officiaes e sargentos nos outros corpos do exercito, sem gastar cinco réis, com excellentes professores, pôde dotar o paiz com perto de 400 escolas, que servidas por bom pessoal e garantidas pela disciplina militar, seriam de resultado segurissimo.

Não é um crime de lesa patria não o fazer? Não haverá uma voz no parlamento que lembre ao sr. ministro da guerra esse extraordinario serviço?

Não haverá no paiz imprensa digna d'este nome para tomar a peito uma obra tão grandiosa, e, ao mesmo tempo, tão barata, tão simples, de tão facil execução?

Não estará no seu papel o official do exercito, no seu glorioso papel, arrancando o soldado á bruteza, á pavorosa ignorancia com que chega ás fileiras, para lhe fazer vibrar na alma o sentimento patrio, o que só pôde fazer dando-lhe noções de territorio e raça, illuminando-lhe o cerebro com uma pouquinho de luz da historia depois de os ensinar a ler, escrever e contar?

Uma obra que não custa cinco réis!

Uma obra que não demanda senão mais um bocadinho de trabalho, aos sargentos principalmente, durante os quatro mezes da recruta!

Obra tão facil, tão barata, tão grandiosa, tão patriótica, e que não se ha de realisar só por não haver, a favor d'ella, uma voz eloquente, de verdade e de justiça ao mesmo tempo.

Triste coisa!

Ainda hoje não temos espaço para continuar os artigos *Sr. Mattoso*, *Sr. Lima* e *Sympathias do sr. Homem Christo*. Mas para o capitulo d'estes ultimos entram já estes documentos, visto serem numerosos aquelles que ha a publicar:

*Ill.º e Ex.º Sr.*—N'uma reunião hontem effectuada no *Theatro Aveirense* para se resolver sobre a conveniencia da creação em Aveiro d'uma *Junta Liberal*, foi apresentada pelo ex.º dr. Alvaro de Moura, e approvada pela assembleia no meio dos maiores applausos,

uma proposta de muito louvor a V. Ex.º pela campanha energica e brilhante que ha muito tempo vem sustentando no semanario *O Povo de Aveiro* contra a reacção religiosa.

Cumprindo me dar conhecimento d'este facto a V. Ex.º, aproveito a occasião para lhe apresentar os meus protestos de muita consideração.

Deus guarde a V. Ex.º

Aveiro, 14 de maio de 1901.

O PRESIDENTE,

João da Maia Romão.

Acompanhando este officio vinha uma carta do secretario, Domingos José dos Santos Leite, que terminava assim:

«E-me grato poder affirmar-te que poucas vezes tenho assistido a uma tão unanime manifestação como a que te foi feita no meio das mais entusiasticas aclamações.»

Se o *Cabecinha* não é mais que um instrumento inconsciente, imbecil, da nossa justiça e da nossa vingança!

Agora este outro documento.

No dia da chegada do regimento de infantaria 24, a Aveiro, foi enviado ao sr. Homem Christo o seguinte telegramma:

*Ex.º Sr. Homem Christo.*—Em nome partido progressista local reconhecido aos relevantissimos serviços prestados por V. Ex.º á causa d'esta terra, agradeço vivamente a V. Ex.º com quem nos congratulamos pelo dia de hoje.

(assignado) Gustavo Ferreira Pinto

Estes documentos e muitos outros nunca se publicaram, apesar da vaidade e do orgulho do nosso amigo sr. Homem Christo. Mas publicam-se agora só para se saber que existem, apesar do sr. Homem Christo não ter *sympathias* nem *valimento* em Aveiro.

Não tem. Continuamos a concordar muito voluntariamente que não tem, nem quer ter. Mas tem provas e documentos d'esta natureza.

*Cabecinha* idiota é o instrumento da nossa justiça e da nossa vingança,

Olé!

Domingos José dos Santos Leite é o primeiro marechal do grupo francaceo.

O sr. dr. Alvaro de Moura era presidente da camara municipal de Aveiro quando propoz o voto de louvor.

O sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto é coronel do exercito, chefe do partido progressista n'este concelho e actual presidente do municipio aveirense.

*Cabecinha* pago, *Cabecinha* mandado, pago e mandado por aquelles que nunca se atreveram, nem atrevem, a defrontar-se com o sr. Homem Christo n'um combate de qualquer ordem, *Cabecinha* idiota, *Cabecinha* sem impucação, sendo empregado como vil instrumento dos pulhas, converteu-se, apenas, em instrumento inconsciente da nossa justiça e da nossa vingança.

Bem dizia o padre Vieira!

Bem dizia o pasquim do morgado do Carmo, quando falou na *penna d'aço*, *cruz dos nossos destractores!*

### Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A' venda na Livraria Elysió — Rua Formosa, 292

PORTO

## SAFADISSIMOS

Jayme de Magalhães Lima, para se livrar da responsabilidade do seu orgão ter chamado *macacos fardados* aos officiaes do exercito, manda dizer que também nós injuriámos a tropa.

O que se escreveu em 5 de janeiro no *Povo de Aveiro* foi isto:

«Isto de exercito portuguez é uma verdadeira impostura em que andamos ha muito tempo. *Ha muito tempo*, diz qualquer dos garotos, é *impagavel*. Que idiota! Não ha exercito permanente sem effectivos e sem tudo aquillo que corresponde a esses effectivos. Ora nós temos effectivos. E, não os tendo, todo o nosso exercito é uma macaqueação do que vai pelo estrangeiro, macaqueação sem valor nenhum.

O remedio era acabar com o exercito permanente e vasar a força publica n'outros moldes. Não disconto se o exercito permanente é melhor ou peor que os exercitos de melicias, discussão perfeitamente inutil desde que elle não existe em Portugal. Será melhor. Mas nós é que o não temos. E se o não temos, mais vale uma coisa peor, — supponhamos agora que é peor — mas certa, do que uma melhor que não existe.

Não ha exercitos permanentes sem effectivos. Se fosse preciso recorrer á auctoridade, veriamos que isto mesmo dizem os profissionais mais considerados da Europa. E temos nós effectivos? Nenhuns. Um regimento de infantaria não chega a constituir força sufficiente para que possa manobrar uma companhia.

Um major nunca commanda a sua unidade. Um coronel nunca desembaiuha a sua espada para commandar, no campo, o seu regimento. Se amanhã quizermos mobilisar uma divisão, não temos nenhum recurso para isso.»

Eis o que se escreveu aqui. Nada mais verdadeiro e mais correcto. Mas Jayme de Magalhães Lima, que quer fazer desaparecer a impressão de ter dicto, por um lado, que tanto se importava que houvesse em Aveiro regimento como não houvesse, e do pasquim, que é orgão da sua politica, da sua pessoa e da sua gente, ter dicto, pelo outro, que os officiaes do exercito eram *macacos fardados* que *faziam luzir para as namoradas os seus galões dourados*, tenta insinuar que também nós cahimos na mesma pullice. Sempre os mesmos!

A pullice d'estes garotos chega a ponto de alterarem, com requintada má fé, o que os outros escrevem. Assim transcrevem *macaqueação* quando no texto está *macaqueação*, como n'outro dia transcreviam *ciadões* em redondo no texto estava *ciadões* em italico. Para nós seria indifferente que estivesse ou não estivesse no texto *macaqueação* ou *ciadões*, como nos seria indifferente que julgassem o erro nosso ou da typographia. São coisas ridiculas que não discutimos, depois de tantas vezes termos dicto aos leitores que se repetem n'este periodico os erros de composição por isso que os auctores nunca reveem os seus artigos. Mas, se nos são indifferentes essas mesquinhas, sob esse ponto de vista, não deixa de se tornar conveniente frisar a alteração propositada feita por um garoto. Esse procedimento pulha e releis está em perfeita harmonia com tudo o mais que vimos narrando.

Sempre os mesmos bandalhos.

Em tudo os mesmos pulhas! Em tudo e por tudo.

Emfim Jayme de Magalhães Lima quer que se entenda por a transformação, que nós pediamos do exercito permanente, a desaparição dos officiaes e a alteração de destino que lhe dava o *Cabecinha*.

Se acabar o exercito permanente acabam os officiaes e então é que os *macacos fardados* passam a *esterqueiros*.

Que idiotas!  
Que pulhas!  
Idiotas e pulhas ao mesmo tempo.

Qual o motivo porque Joaquim de Mello Freitas é uma gloria de Aveiro e o Sarabando não o é?

Porque o amigo Sarabando é do povo e Joaquim de Mello Freitas é dos lords?

Contra essa injustiça protestamos. O sr. Sarabando é litterato, prosador e poeta. Joaquim de Mello Freitas é litterato, prosador e poeta também.

Contestamos que Joaquim de Mello Freitas, doutor e lord, tenha mais merecimentos que J. Maria Sarabando, que nem é lord, nem doutor. Nem mais merecimentos em prosa, nem mais merecimentos em verso.

Ora vejamos se estes versos de J. Maria Sarabando:

Chora chora  
A mim que se me dá  
O' de repipiú  
O' laré ou lá

São inferiores a estes de Joaquim de Mello Freitas

O sacristão buqueija em alinhavo  
Lascivo encomio  
E o padre não só diz latin mascavo  
Mas até come-o

Não são. Isso é que não são. Pelo contrario. Tem mais alegria e graça.

O *repipiú* do Sarabando vale por todos os latins mascavos do Freitas. E a amante a chorar e o amante a cantar é coisa mais fina do que o padre a comer latin.

Em boa justiça ninguém dirá o contrario.

### Fallecimento

Succumbiu hontem, pelas 4 horas da manhã, na sua casa d'esta cidade, o capitão de infantaria 13, Firmino Ferreira. Era muito querido pelos camaradas do seu regimento, que a esta hora lamentam a sua perda.

A' familia dorida o nosso cartão de pezames.

### EIS COMO SE EDUCA UM HOMEM PARA «CRENTE»

Desde creança se lhe aprenhenta á imaginação e mesmo por estampas uma lanterna mágica ou phantasmagoria em que se figuram Deus, os santos, o paraizo, o inferno com suas historias sobrenaturaes da creação do mundo e tudo quanto constitue o velho e o novo testamento e essa mythologia se lhe repete todos os dias, a todas as horas que lhe deixam os mais estudos insignificantes, que servem de capa ao verdadeiro estudo, o *theologico*. Os musulmanos fazem o mesmo; os principaes estudos dos seus meninos consistem em decorar o *Koran*; para os bramines também o principal estudo da infancia está nos livros sagrados, *as leis de Manou*.

Quem passa pela frente das escolas d'estes alumnos ouve suas cantigas sagradas se entrar nas escolas e suas práticas religiosas a toda a

hora do dia: o artificio do ensino de todas as religiões é o mesmo. Dir-se-hia que foi copiado sobre um só modelo para uso de todos.

No fim de um ou dois annos, a inoculação na sua bossa da religiosidade está feita. O homem **n'esta repartição** está idiota por toda a vida. Póde ser sábio em tudo o mais; mas em religião é um idiota confirmado. Não ha inverosimil, impossivel mesmo que elle não accete se um sacerdote lhe dissér que vem da parte de Deus. Nos seus livros sagrados ha tantos milhares de impossiveis! Elle os engole todos, e ainda acoima de **implos** os que não commungam com elle estas suas refeições.

Inoculam-lhe o erro em creança, na ausencia ainda da sua razão, que devia fazer a escolha... está perdido para sempre.

Esta **mutillação** da intelligencia que o inhabilita por toda a vida, a escollier a verdade não deveria ser qualificada de crime?

X.

**HORARIO DOS COMBOIOS**

**De Aveiro para o Norte**

|                 |                 |
|-----------------|-----------------|
| De manhã ás     | De tarde ás     |
| 3-45 m. (tram.) | 1-25 m. (tram.) |
| 5-51 m.         | 7-37 m.         |
| 8-58 m.         | 10-5 m.         |

**De Aveiro para o Sul**

|             |                |
|-------------|----------------|
| De manhã ás | De tarde ás    |
| 6-49 m.     | 3-46 m.        |
|             | 5-34 m. (rap.) |
|             | 10-43 m.       |

**ANNUNCIOS**

**ARMAÇÃO PARA PHARMACIA**

VENDE-SE uma composta de quatro estantes e balcão. Para vér e tratar na Mercenaria 12 de Agosto, de Francisco Casimiro da Silva.

AVEIRO

**CONSULTORIO DENTARIO**  
DE  
**THEOPHILO REIS**  
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra  
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras  
R. DIREITA, 58, 1.º  
Aveiro

**SAPATARIA REIS**

R. DOMINGOS CARRANCHO

(A'S CINCO RUAS)

AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

TYPOGRAPHIA

**POVO DE AVEIRO**

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de planiseta, proprios para obras de luxo. Encaregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

**BREAK**

VENDE-SE um quasi novo. N'esta redacção se diz com quem tratar.

**Vinho puro de Bucellas**

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

**BAGAÇOS ALIMENTARES**

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

**ROLÃO PALMA**

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

**Vinho de Bucellas**

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe.  
AVEIRO

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**

DA ACREDITADA FABRICA

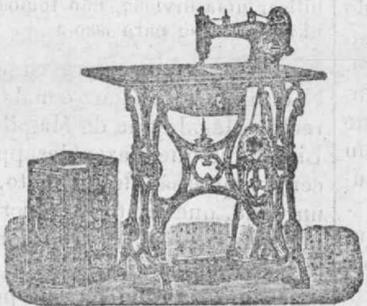
"**PAFF,**

Fundada em 1862

EM

Kaiserslautern

São estas as melhores machinas de costura



- A machina PFAFF para costureiras.
- A machina PFAFF para alfaiates.
- A machina PFAFF para modistas.
- A machina PFAFF para sapateiros.
- A machina PFAFF para seleiros.
- A machina PFAFF para correiros.
- A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

(A machina "PFAFF" é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura)

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas. Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

**ANADIA-SANGALHOS**

**FERRAGENS,**

zincos, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, fintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papé-lão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

**RUA DO CAES**

AVEIRO

**ARMAZENS**

DA

**BEIRA-MAR**

DE

**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

**CONFECÇÕES:**

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.— Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

**PARÁ E MANAUS**



**Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil,** passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias ao srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

**Passagens gratis**

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões

Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

**Africa Occidental**

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

**ABEL, PAULO & PEREIRA**

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO